

***Bad Romance*: A presença das categorias estéticas da feiura, do grotesco e do Camp na identidade da cantora Lady Gaga¹**

Luane Fernandes COSTA²

Daiany Ferreira DANTAS³

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, UERN

Resumo

O estudo da estética das mídias investiga de que modo as experiências de consumo e produção da cultura das mídias estão permeadas de debates contemporâneos. No presente artigo analisamos a presença de Lady Gaga enquanto personagem *Camp* (SONTAG, 1964), ou seja, que possui uma conotação exagerada, por vezes beirando o mau gosto, na construção de seu campo de afetividade com seu público. Também observamos de que modo sua indumentária e aparições utilizam o monstruoso e o grotesco na composição da identidade de uma artista que aborda aspectos da alteridade. Diante revisão bibliográfica dos conceitos abordados, foi realizada uma análise do videoclipe *Bad Romance*, observando como a artista, através do Camp e de uma estética do grotesco, agencia seu discurso político e a aproximação com o seu público.

Palavras-chave

Estética; Lady Gaga; Grotesco; Camp, Alteridade.

Lady Gaga: um corpo *Camp*

Lady Gaga, 32 anos, dentre diversas cantoras do cenário pop norte-americano, destaca-se por esboçar em sua caracterização e indumentária uma esquiva ao padrão de beleza que passa pelo uso do grotesco, da excentricidade e dos exageros em sua composição enquanto personagem pop, seja nas performances, videoclipes, e até mesmo em seu comportamento – como quando pulou em um moedor de carne durante um show⁴. Além de chamar atenção também pelas reivindicações políticas que coloca em seus trabalhos.

Atualmente, sua carreira conta com 10 anos consolidados na indústria musical. Ela surgiu neste cenário com apenas 22 anos, tornou-se um símbolo de defesa das minorias ao emplacar singles tais como *Born This Way* (2011), associado à luta pela igualdade da

1 Trabalho apresentado na IJ04 - Comunicação Audiovisual – do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

2 Estudante de Graduação do 5º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), email: fernandesluane6@gmail.com

3 Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: daianyd@gmail.com

4 Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/noticia/2012/10/lady-gaga-entra-em-moedor-de-carne-durante-show-na-belgica.html>>. Acesso em 20 de mai de 2018.

população LGBT, que formam a maior parte de seu público. Também coleciona uma enorme lista de prêmios e indicações.

A cantora conta com cinco discos lançados: *The Fame* (2008), *The Fame Monster* (2009), *Born This Way* (2011), *ArtPop* (2013) e *Joanne* (2016), que contam com *HITS* a níveis mundiais apreciados pela crítica. Seus videoclipes são considerados como símbolos da cultura pop pós-moderna, levantando inúmeras discussões em relação aos mesmos e a persona de Lady Gaga em si, que não apenas canta, mas também é atriz, compositora, produtora musical, modelo, ativista e dançarina.⁵

A problemática desse objeto de pesquisa está na seguinte indagação: como se dá a presença das categorias estéticas da feiura, do grotesco e do *Camp* na cantora Lady Gaga? Tendo como referência o videoclipe *Bad Romance*, um dos seus trabalhos icônicos, partindo de um referencial teórico que considere o feio e o grotesco como apelos estéticos dissidentes. Para tanto usamos Paiva e Sodré (2002), Eco (2007) e Sontag (1964).

Lady Gaga: uma diva *camp* monstruosa

O objetivo deste artigo é estudar a estética de Lady Gaga e analisar de que forma as categorias estão presentes na identidade da cantora, ajudando a compreender a dimensão do feio, do grotesco e exageros na composição de um artista.

Por meio das categorias estéticas é possível desencadear sentimentos, percepções, e, como é o caso de Lady Gaga, fazer discursos políticos através de suas performances em nome daqueles que não se integram na sociedade. A razão por utilizar a estética como objeto de análise na identidade de um artista neste artigo está diante disso.

Lady Gaga promove, no uso de trajés e maquiagens espalhafatosas, muitas vezes usando próteses que desfiguram sua imagem ou roupas que lhe conferem um ar robótico ou animalesco, uma estética dissidente dos padrões de beleza, de comportamento e de sexualidade impostos socialmente.

Isto se acentua por meio de representações grotescas, exageradas e excêntricas. Em seus videoclipes, performances, figurinos e em toda a sua identidade visual, ela utilizou desses elementos que são excluídos por muitos artistas e que não são aceitos pela sociedade

5 LESTER, Paul. *Looking for Fame: The Life of a Pop Princess – Lady Gaga*. Londres: Omnibus Press, 2010.

como belos, destacando-se na indústria musical e sendo contemplada pela crítica e por seus fãs, comprovado pelos prêmios e indicações que ela coleciona.⁶

Um dos conceitos estéticos mais visíveis em Lady Gaga é o da feiura, se a compreendermos como algo que se estabelece em paralelo à beleza como um ideal inatingível de perfeição. Umberto Eco, autor do livro *A História da Feiura*, aponta que o conceito de feio pode ser relativo, não sendo simplesmente o oposto do belo, mas algo muito mais complexo. Para o autor: “O feio é relativo aos tempos e as culturas, o inaceitável de ontem pode ser o bem aceito de amanhã e o que é percebido como feio pode contribuir, em um contexto adequado, para a beleza do conjunto” (ECO, 2007, p.421).

Dessa forma, o feio se constitui como uma categoria estética de apelo próprio e não o oposto da beleza. Sendo também um processo de resistência por lidar com os padrões normativos eurocêtricos.

Apesar de ser uma mulher branca, loira e magra, dentro dos padrões sociais aceitos como hegemônicos, a artista usa de artifícios que a deixam beirando ao que pode ser considerado por muitos como feiura, explorando propositalmente a estética do feio, fugindo de modelos já estabelecidos pelas cantoras pop que usualmente utilizam da sensualidade e beleza para atrair o público.

Falta de sobrancelhas, dentes separados, inchações nos rostos, cabelos frisados e armados, esses são alguns dos muitos elementos que ela já utilizou em suas performances, muitas vezes mudando completamente a sua aparência e se tornando quase irreconhecível. Porém, o uso do feio em sua identidade não é gratuito, ela o usa no contexto adequado que Eco cita, conseguindo atrair e cativar o seu público.

Esse discurso estético monstruoso mostrou-se eficaz em criar para a artista uma persona pop delineada por meio de ações e expressões que se apartam do belo. Buscando construir uma alteridade ao padrão que utiliza aspectos do repulsivo e aterrorizante. Dessa forma, ela cria uma relação de afeto com seus fãs, que se auto intitulam como *little monsters*, ou seja “monstrinhos”. Douglas Kellner aborda sobre esse tipo de identificação desenvolvida pelas personalidades midiáticas e seu público em seu livro *A Cultura da Mídia*. Conforme o autor:

⁶ Disponível em: <The 51st Annual Grammy Awards Nominations List>. National Academy of Recording Arts and Sciences. Acesso em mar. 2018.

Para começar, a cultura da mídia põe à disposição imagens e figuras com as quais seu público possa identificar-se, imitando-as. Portanto, ela exerce importantes efeitos socializantes e culturais por meio de seus modelos de papéis, sexo e por meio das várias “posições de sujeito” que valorizam certas formas de comportamento e modo de ser enquanto desvalorizam e denigrem outros tipo (KELLNER, 2001, p. 307)

Kellner explica como os personagens presentes na mídia esboçam expressões e tensões de seu tempo. Gaga surge para acolher jovens que se consideram fora de um ideal social de beleza perfectível demandado por uma sociedade de consumo que padroniza a beleza branca, magra e eurocêntrica.

A aparência da cantora também é muito relacionada com a estética Camp, que prima pela artificialidade e pela encenação, apresentando a pessoa enquanto personagem, ou pessoa em negrito, como atribuía Sontag (1964), em seu famoso ensaio sobre um suposto bom gosto do mau gosto na cultura pop. Ela declara: “Sinto-me fortemente atraída pelo Camp e quase tão fortemente agredida” (SONTAG, 1964), delineando que esta é uma categoria para a análise cultural que considera a capacidade que certas características comumente tratadas como repulsivas possuem de gerar afeto e prazer entre os que as consomem.

A autora afirma que o Camp pode ser descrito da seguinte maneira: “O Camp é comumente relacionado ao exagero, à afetação, a uma estética especial que ironiza ou ridiculariza o que é dominante” (SONTAG, 1964). Tais características do Camp estão muito presentes na aparência de Lady Gaga e vão desde os seus figurinos, videoclipes e até a sua androginia.

Conforme Kellner, “A expressão cultural tem sido uma maneira de resistir a opressão e de expressar experiências de resistência e de luta” (KELLNER, 2001). Com isso, a existência de artistas estranhos e que conseguem se destacar no espaço da mídia e da música é importante para trazer representação e exaltar as pessoas que não se enquadram, seja por questões de gênero, raça, sexualidade ou nacionalidade.

Lady Gaga e sua indumentária grotesca



Figura 1 – Vestido usado no *Video Music Awards* 2010. Fonte: Google.⁷

O vestido de carne, usado para receber o prêmio de videoclipe do ano por *Bad Romance* no *Video Music Awards* 2010, define bastante a presença das categorias mencionadas nesse artigo: o contraste com o belo, ou seja, a estética da feiura e dentro dessa inclinação para o feio está o exagero e o mau gosto presentes no Camp e o grotesco. O vestido representa muito mais do que apenas levar o choque ao público, a imagem representa Lady Gaga em si, a sua marca em direção ao feio, ao grotesco, ao exagero. Marca essa que a faz se destacar no mundo *pop*.

Segundo a cantora, o vestido faz parte de um discurso, representando a luta pelos direitos da comunidade LGBT contra a norma “*Don't Ask, Don't Tell*”,⁸ que submete os militares gays americanos a ocultar sua opção sexual sob pena de serem expulsos da corporação. A cantora também realizou um discurso para o Senado pedindo o fim do tabu de homossexuais americanos no exército.⁹

Exemplos como este expressam como a estética do grotesco ocupa grande parte da identificação de Lady Gaga. “O grotesco é o belo de cabeça pra baixo – é uma espécie de catástrofe do gosto clássico”. (PAIVA e SODRÉ, 2002, p. 28) Citação retirada do livro *O Império do Grotesco*, de Raquel Paiva e Muniz Sodré. Os autores analisam o grotesco nas artes, na literatura, no cinema e na televisão, e estudam como essa categoria estética pode

⁷ Disponível em: <http://www.osul.com.br/wp-content/uploads/2015/09/lady_gaga.jpg> Acesso em mar. 2018.

⁸ Tradução livre do autor: Não Fale, Não Pergunte.

⁹ O discurso: A message from Lady Gaga to the Senate está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GG5VK2lquEc>> Acesso em abr. 2018

causar, além do choque e repulsa, fascínio e atração. É o caso do vestido de carne de Lady Gaga, que carregou o seu discurso político em defesa dos LGBTs e causou reações diversas ao público geral, a crítica e aos seus fãs, e dentre as reações, estavam o choque e o desagrado, mas também a atração.

É importante destacar que os autores classificaram as manifestações grotescas entre gêneros e espécies, de acordo com as naturezas diversas que estas poderiam se originar. O vestido de carne Lady Gaga e diversos outros tipos de discursos, performances e indumentárias da artista, estão presente na espécie grotesca, ou modalidade expressiva, intitulada por Paiva e Sodré (2002) como grotesco crítico:

Neste caso, o grotesco dá margem a um discernimento formativo do objeto visado. Ou seja, não propicia apenas uma privada percepção sensorial do fenômeno, mas principalmente o desvelamento público e reeducativo que nele se tenta ocultar. É, assim, um recurso estético para desmascarar convenções e ideais, ora rebaixando as identidades poderosas e pretensiosas, ora expondo de modo risível ou tragicômico os mecanismos de poder abusivo. Muitas vezes, esse recurso assume as formas da paródia ou da caricatura, obtendo efeitos de inquietação pela surpresa e pela exposição ridicularizante das situações estabelecidas. (PAIVA E SODRÉ, 2002, p. 69)

Dessa forma, o grotesco, como um desdobramento do feio, desde suas performances ao figurino, pode ser entendido como uma afirmação de um ponto de vista acerca de questões sociais e políticas. Ao colocar excentricidade em seu trabalho, a cantora faz uma crítica às formas de representação sociais, aos padrões “aceitos” e considerados normais.

Análise do videoclipe Bad Romance a partir da presença das categorias estéticas da feiura, do grotesco e do Camp



Figura 2 – Início do videoclipe *Bad Romance*. Fonte: Youtube¹⁰

Quando o videoclipe inicia, Lady Gaga está sentada como uma rainha em um trono, estática, assim como todos ao seu redor e seu dedo está posicionado no botão "mute" – “mudo” em português – de um sistema de som. Ela, como rainha, está cercada por seres mascarados, tatuados e portando indumentária exagerada, tais como seus assimétricos tamancos de saltos altíssimos. Ao liberar o botão, a cantora desperta bruscamente, como se estivesse controlando aquele universo performático com um simples toque.

Após isso, a música começa, e um novo cenário é revelado, um quarto escuro, com várias tumbas brancas. É notável que sobre a parte superior da tumba de Lady Gaga tem escrito a palavra “*monster*” – monstro em português.

As tumbas abrem e a cantora surge, agora acompanhada por dançarinas vestidas com estranhos trajes que as cobrem completamente, deixando apenas suas bocas de fora. - ver figura 3. Todas começam a dançar de forma excêntrica e essas sequências de imagens mostram o mundo construído e descoberto pela cantora ao apertar o seu botão, simbolizando a sua arte construída para seus fãs através da feiura e da monstruosidade, como sugere o título de *monster* em sua tumba.



Figura 3 – Gaga e suas dançarinas. Fonte: Youtube

Após essas cenas, a cantora aparece vestida de preto, se olhando em um espelho e cantando sua música “Eu quero sua feiura, eu quero sua doença, eu quero seu tudo enquanto for de graça. Eu quero seu amor. Amor, amor, amor. Eu quero seu amor”. (GERMANOTTA,

¹⁰ GAGA, Lady. *Bad Romance*. 2009. (5m7s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qrO4YZeyl0I>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

Stefani. KHAYAT, Nadir. 2009) (Tradução nossa)¹¹ A letra é sugestiva, ao se olhar no espelho a cantora afirma que deseja a tudo, seja feiura ou doença, rejeitando as diferenças e padrões socioculturais.

Os próximos quadros exibem uma Lady Gaga com características exóticas. Olhos exageradamente grandes lembrando cartoons e um corpo esquelético. Exageros e artifícios relacionados ao Camp, conforme Sontag (1964): “Na realidade, a essência do Camp é sua predileção pelo inatural: pelo artifício e pelo exagero. É a predileção pelo exagerado, por aquilo que está “fora”, por coisas que são o que não são”.



Figura 4 – Fonte: Youtube

O clipe demonstra isso ao exibir a cantora com deformidades que tornam sua aparência estranha e desumanizada, seja ao utilizar olhos imensos, seja mostrando todos os ossos de suas costelas, ou as várias outras caracterizações monstruosas utilizadas.

O grotesco funciona por catástrofe. Não a mesma dos fenômenos matematicamente ditos “caóticos” ou a da geometria fractal, que implica irregularidade de formas, mas dentro dos padrões de uma repetição previsível. Trata-se da mutação brusca, da quebra insólita de uma forma canônica, de uma deformação inesperada. (PAIVA e SODRÉ, 2002, p.25)

Lady Gaga rompe com as barreiras do canônico, ou seja, aquilo que está de acordo com as normas estabelecidas, indo de encontro a estética do grotesco. Suas deformidades, estranhezas ou monstruosidades, servem como motivação para aqueles indivíduos que não se integram socialmente. A cantora mostra que não há barreiras para ela, sejam elas diferenças sociais, étnicas, culturais.

Nas cenas seguintes, ela é forçada pelas modelos a sair da banheira e tomar um líquido, a cantora aparece com um novo figurino, sendo forçada a ficar diante de um grupo de

¹¹ No original “I want your ugly, I want your disease. I want your everything as long as it's free. I want your love. Love, love, love. I want your love” (GERMANOTTA, Stefani. KHAYAT, Nadir. 2009).

homens, que futuramente descobrimos serem compradores, como em um leilão, onde Lady Gaga é o prêmio. Ela demonstra resistência, mas acaba sucumbindo e rastejando em direção a eles, fazendo danças sensuais enquanto espera os lances.

Após ser leiloada, a cantora ressurgue, dessa vez não mais rastejando, mas de pé, vestida com uma pele de urso polar e entrando em um quarto, onde o vencedor do leilão espera o seu prêmio. A cena representa a mulher sendo usada como mercadoria, porém ela confronta o seu opressor e retoma o que lhe foi tirado, acendendo a sua cama e o seu comprador em chamas.

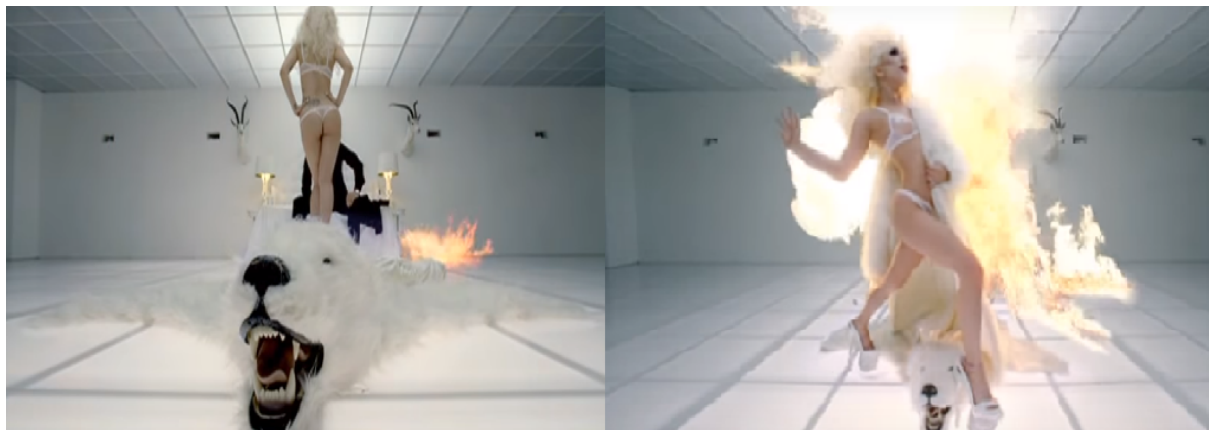


Figura 5 – Fonte: Youtube

Nestas cenas em destaque (figura 5) a figura do urso polar ganha bastante relevância, representando todo o poder que a personagem possui naquele momento ao enfrentar e “derrotar” o seu opressor. Por meio dessas imagens, é possível perceber as tensões fronteiriças entre o humano e o animal que Paiva e Sodré (2002) buscam conceituar em *O Império do Grotesco*. Segundo os autores a identificação grotesca figurativa entre o homem e o animal tem sido utilizada desde a Antiguidade, sendo presentes em fábulas e sistemas morais.

Em *Bad Romance*, a indumentária da cantora também está bastante relacionada as categorias estéticas mencionadas. Os diversos figurinos vão além do que se vê comumente nos videoclipes de cantoras *pop*, como as roupas futuristas acompanhadas dos movimentos robotizados de sua coreografia, exemplos de elementos do exagero *Camp*. Em outras análises do videoclipe, seu figurino é destacado:

O videoclipe retorna ao quadro de Lady Gaga cantando, fechado em seu rosto mostra o detalhe de uma lágrima que rola pelo rosto da cantora, talvez lamentando os sacrifícios feitos, o anseio por um mundo pop que não força suas “estrelas” a comprometer a sua própria identidade em nome de seu

sucesso. Que também não precise sacrificar a sua identidade e o seu amor por algo. Isso, claro, é a base sobre a qual a cantora optou por formar a sua própria identidade. É como propaga em larga escala, difunde generosamente sua imagem pública, que é na realidade, construída e artificial. Essa identidade pode ser percebida quando a cantora usa um figurino com pequenos pontos dourados feito para ela pelo estilista Alexandre McQueen e um penteado esdrúxulo e hiperbólico. (Ver figura 7) A roupa é uma paródia – um simulacro – exageradamente autoconsciente e monstruosa de tudo o que seus antecessores representam. Uma vez que seu propósito mais profundo é ir além do mero valor de choque, é questionar os valores, os padrões do velho mundo pop, da cultura mercantil e da sociedade num todo, sistematicamente rejeitando-a. (BIANCHINI, 2015, p. 103)



Figura 7 – Fonte: Youtube

Na análise feita por Bianchini em sua dissertação, a roupa feita pelo estilista Alexandre McQueen (figura 7) é evidenciada, sobretudo o seu sapato. Como o autor cita, a composição de seu figurino também traz a tentativa de, além de causar o choque e incomodar, refutar os padrões impostos.

O videoclipe, assim como toda a identidade visual de Lady Gaga, tem fortes referências ao grotesco crítico de Paiva e Sodré (2002), já citado anteriormente neste artigo. Sendo a categoria est tica mais presente em *Bad Romance*, o grotesco, em sua modalidade crítica, provoca a reflexão, inquieta es e questionamentos. A seguir, os autores declaram:

Em sua modalidade crítica, o grotesco não se define como simples objeto de contempla o est tica, mas como experiência criativa comprometida com um tipo especial de reflexão sobre a vida. Em cada imagem ou em cada texto, há uma ponte direta entre a expressão criadora e a existência cotidiana.

A reflexão acontece no desvelamento das estruturas por um olhar plástico que penetra até as dimensões escondidas, secretas, das coisas, inquietando e fazendo pensar. L cida, cruel e risível – aqui estão os elementos da chave

para o entendimento da crítica exercida pelo grotesco. (PAIVA E SODRÉ, 2002, p. 72)

Ao apresentar uma estética grotesca, não composta pela beleza e harmonia, mas pelo exato oposto, a feiura que incomoda e atormenta, o videoclipe busca exercer críticas e provocar questionamentos, ajudando a compor o discurso político da cantora.

Sobre a estética da feiura, Eco (2007) explica que quase todos os sinônimos de feio e o que está relacionado a ele envolve o susto, o incômodo, a aversão. E são exatamente esses elementos utilizados por Lady Gaga neste videoclipe. Sempre com um motivo, nunca usados de forma gratuita.

Se examinarmos os sinônimos de belo e feio, veremos que, enquanto se considera belo aquilo que é bonito, gracioso, prazenteiro, atraente, agradável, garboso, delicioso, fascinante, harmônico, maravilhoso, delicado, leve, encantador, magnífico, estupendo, excelso, excepcional, fabuloso, legendário, fantástico, mágico, admirável, apreciável, espetacular, esplêndido, sublime, soberbo; é feio aquilo que é repelente, horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obsceno, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado. (...) A sensibilidade do falante comum destaca que, enquanto para todos os sinônimos de belo seria possível conceber uma reação de apreciação desinteressada, quase todos os sinônimos de feio implicam sempre uma reação de nojo, se não de violenta repulsa, horror ou susto. (ECO, 2007, p. 16)

Diante de todos os sinônimos do feio e de todas as reações que ele causa, de todos os exageros, e da caracterização monstruosa e grotesca utilizados no videoclipe, a cantora deixa claro que sua arte não foi feita para simplesmente agradar, mas para quebrar barreiras, mostrando o outro lado que ninguém quer ver, o terreno que nem todos ousam pisar. *Bad Romance* nos mostra a outra face da estética que perturba, que causa repugnância, e que, acima de tudo, questiona as convenções sociais.

Considerações Finais

Neste artigo, foi proposto analisar os elementos estéticos – grotescos, feios, exagerados – presentes na dimensão de uma artista excêntrica como Lady Gaga. Seu trabalho se mostra um conjunto relevante na indústria musical diante de todos os elementos analisados e destacados.

A partir da análise do videoclipe *Bad Romance* e de toda a sua identidade visual foi possível observar que a sua estética promove inovação e rompe paradigmas, como através dos debates provocativos em relação a causa LGBT ou suas contestações acerca dos padrões de beleza impostos pela mídia.

Sua estética da feiura a faz um personagem que se destaca por se colocar à margem dos padrões, construindo uma alteridade pela caracterização monstruosa. Dessa forma, a análise acerca da estética de Lady Gaga permitiu entender que seu trabalho existe não apenas para vender, chocar ou cativar o público, mas também para compor o seu discurso político e combater as normas estéticas e sociais convencionadas.

Referências Bibliográficas

BIANCHINI, Douglas. **O Discurso Estético de Lady Gaga na Contemporaneidade**. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação, São Paulo. 2015.

ECO, Umberto. **A História da Feiura**. Brasil: Record, 2007.

PAIVA, Raquel e SODRE, Muniz. **O Império do Grotesco**. Brasil: Mauad, 2002.

SONTAG, Susan. **Notas sobre o Camp**. Porto Alegre: L&PM, 1987 (1964)

GAGA, Lady. *Bad Romance*. **The Fame Monster**. Interscope, 2009.

GERMANOTTA, Stefani. KHAYAT, Nadir. *Bad Romance*. In: GAGA, Lady. **The Fame Monster**. [S.I]: Interscope, 2009. Web.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.